

## **A IDENTIDADE DA VIDA RELIGIOSA APOSTÓLICA FEMININA NA IGREJA E NO MUNDO**

### **Introdução**

Quando me convidaram para participar deste Encontro Congregacional de Formação, foi-me pedido que enfocasse – de modo geral – o tema da **Identidade da Vida Religiosa Apostólica Feminina na Igreja e no Mundo**. As aterrissagens nos estágios da formação inicial e continuada para cada província e para a congregação seriam feitas posteriormente.

O caminho que seguirei é, portanto, o seguinte:

- Parto do Vaticano II e de seus apelos de “volta às fontes” para toda a Vida Consagrada (VC).
- Depois de uma rápida memória da caminhada, pergunto-me o que aconteceu realmente com a Vida Religiosa Apostólica (VRA) nestes cinquenta anos de pós Concílio: as luzes e sombras, a crise de identidade que perdura ainda hoje, como caminhamos, como estamos, o que podemos dizer dela hoje.
- Para situá-la e rever a caminhada escolhi o tema do **Profetismo** que sempre foi considerado uma dimensão fundamental da Vida Consagrada (VC) na Igreja, e que, desde o Concílio se ampliou, abarcando toda a vida cristã com diferentes nuances nos vários estados de vida. O corpo do trabalho está situado aí.
- Recordo a evolução do Profetismo na Teologia da Vida Consagrada, as dificuldades e questionamentos e a busca da recuperação da experiência fundante. Minha leitura é “situada”, mas não “fechada”. Parto, às vezes, da realidade latino-americana e caribenha, procurando conservar o horizonte sempre aberto e universal.
- Nele assinalo a necessidade de redescobrir e reforçar os três elementos fundamentais da Vida Religiosa Apostólica (VRA) nos seus campos tradicionais e nos novos espaços da Missão numa mudança de época.
- Também a de fazê-lo, abertas à novidade de Deus, com outras e outros companheiros de caminhada, dentro e fora da Igreja, também em novos espaços proféticos.
- Chego assim à direção que me parece fundamental hoje para a VRA: a volta ao profetismo de uma Igreja nazarena, à luz de Jesus de Nazaré, animadas por um novo olhar e uma nova mística. Não podemos mais acomodar-nos e sim, tentar responder aos novos apelos da Igreja e do Mundo de hoje, sempre abertas ao Espírito que fala em tudo e em todos.
- Só a partir daí podemos continuar caminhando como Vida Religiosa Apostólica Feminina, na práxis do seguimento e prosseguimento de Jesus, continuamente revista e animada pela força e ternura da Trindade.

### **1. Recordando...**

Há uma bela canção Argentina dedicada a Jesus Cristo libertador que começa assim: “! *Qué lindo es la gente que tiene memoria, seguro que tiene esperanza también!*”

O ponto de partida é o Vaticano II, que provocou um verdadeiro “kairós” na vida da Igreja ao longo dos últimos 50 anos... Faço hoje uma “*memória agradecida*” de tudo o que foi vivido, sofrido e construído nesses anos!

Lembro-me ainda bem do dia 25 de janeiro de 1959. Eu havia chegado recentemente a Roma para estudar Teologia. Estive na entronização de João XXIII. Pouco tempo depois, na manhã de 25 de janeiro, na Basílica de São Paulo “extramuros”, ele anunciou ao mundo que a Igreja celebraria um novo Concílio (1).

Recordo também as ressonâncias do anúncio nos meios eclesiais: Uns diziam: - Será um ato de loucura ou de coragem? A Igreja não está preparada para um Concílio! E outros: - Um ancião, “um papa de transição” vai se “aventurar” e colocar a Igreja numa situação de revisão? - Talvez a convocação de um Concílio não seja só um desafio, mas também uma busca de respostas às necessidades da Igreja e do mundo, diziam outros. Comentava-se que Pio XII tinha desejado realizar um Concílio, mas não se atrevera. Seu sucessor o faria? Ao anunciar o Vaticano II, João XXIII disse que “*a ideia lhe brotou do coração e aflorou a seus lábios como uma graça de Deus, como uma luz do alto, com suavidade no coração e nos olhos, com grande fervor*”. Suas palavras encheram a muitos de esperança. E ele foi fiel. Entretanto, cada vez ficava mais claro que seria muito difícil realizá-lo, que a preparação devia ser muito cuidada e que o Papa Roncalli tinha tido realmente muita coragem e audácia ao deixar-se conduzir pelo Espírito Santo.

João XXIII só presidiu a Primeira Sessão do Vaticano II. Seu sucessor, Paulo VI, o continuou. Durante as três sessões posteriores, levou adiante o Concílio até seu encerramento, no dia 8 de dezembro de 1965. Os documentos foram cuidadosamente estudados, discutidos, emendados, reelaborados. Às vezes tinha-se a impressão de que os Padres conciliares não chegariam nunca a um consenso. Chegou-se à votação na terceira e quarta sessões, com algumas concessões. Os Documentos foram amplamente aprovados, quase por unanimidade. No encerramento da Terceira Sessão (19/11/1964) votou-se a *Lumen Gentium*. Essa Constituição dogmática realizou uma verdadeira “guinada” na concepção da Igreja: abriu caminho para a passagem de um modelo de igreja piramidal ao de uma *Igreja Povo de Deus*, comunidade evangelizadora e ministerial, com diversidade de serviços (cap. II). O ponto de partida é único: **o Batismo** que nos faz filhos e filhas de Deus, iguais em dignidade e chamadas/os à santidade em Cristo (cap. V). A *Lumen Gentium* foi fundamental para situar, entender e aprofundar, depois de aprovados, outros documentos, também para a Vida Consagrada. O Decreto *Perfectae Caritatis* foi votado quase no final da Quarta Sessão (11/10/1965). No capítulo VI da *Lumen Gentium* e em todo o *Perfectae Caritatis*, ficou bem claro o convite da Igreja à Vida Religiosa a um “*aggiornamento*”, uma “volta às fontes da vida cristã”, enriquecida por quase 20 séculos de história.

## **2. Cinquenta anos depois**

Estamos celebrando desde 2012 os 50 anos do Vaticano II. Em 2015 recordaremos os 50 anos da aprovação do *Perfectae Caritatis*. Apesar da convicção de que a Vida Consagrada nasceu do Evangelho, da adesão à pessoa de Jesus e à sua forma de vida; apesar das várias mudanças vividas em vários campos no Pós Concílio, elas foram muitas vezes acidentais. Algumas de nós somos testemunhas do tempo perdido na discussão sobre temas como o hábito religioso, mudança nos

costumes e orações tradicionais, etc., nos capítulos gerais de renovação, realizados logo depois do Concílio. Ao longo destes 50 anos não se conseguiu a renovação em profundidade, a volta às fontes da vida cristã pedida pelo Vaticano II. Na figura histórica da Vida Religiosa prevaleceu, muitas vezes, a perspectiva jurídica sobre a teológica. Instaurou-se e/ou aprofundou-se uma crise já latente. Muitas pessoas, sobretudo na Vida Religiosa Feminina, ainda desejavam uma codificação minuciosa de práticas espirituais pessoais e comunitárias; a continuidade da vigência de um “modelo mais monástico do que apostólico”, os privilégios de ser consideradas membros de um “estado de perfeição” e outros... Sofremos também certa perda de visibilidade social, seja pela ambiguidade das instituições, seja pelo influxo do Estado, do neoliberalismo e de outras influências pragmáticas, que transformavam muitas vezes a Missão numa mera tarefa, mais do que num serviço evangélico.

No mundo moderno e pós-moderno primavam e primam ainda os critérios da eficácia, do pragmatismo e da lógica do mercado, entre outros. O encontro com o sujeito pós-moderno, fragmentado e individualista, questionou profundamente nossa identidade. Daí a crise, a ruptura cada vez mais forte entre o ser e o fazer, e a consequente *desarticulação da Missão*.

### **3. A crise de identidade**

Na época do Concílio a Vida Religiosa (VR) que vivíamos e que várias Congregações continuaram a viver nos anos seguintes, caracterizou-se, como já indiquei, pela transposição do modelo monástico a outras formas de Vida Religiosa (VR). Colocou-se muitas vezes o acento na fuga do mundo, na regularidade, na estabilidade, na reza do ofício divino ao longo de todo o dia..., e não nos três elementos que devem caracterizar a Vida Religiosa Apostólica: *a experiência de Deus, a vida fraterna em comunidade e a Missão*.

Carlos Palacio escreve que, ainda hoje, vivemos uma “*inegável anemia evangélica*”. Apesar do parcial abandono do “*modelo tradicional*” no Pós Concílio, da busca de diálogo com o mundo moderno, da aceitação de valores que pareciam estranhos, das mudanças no exercício da obediência-autoridade, etc., prevaleceu, no fundo, “*uma figura defasada da Vida Religiosa*”. Estamos vivendo - ainda hoje - o que ele denomina uma “*crise de identidade institucional e pessoal*”. Nela, apesar das muitas mudanças internas e externas, não temos, muitas vezes, clareza com relação à “*razão de ser e de permanecer hoje na Vida Religiosa*”, de modo particular na “Vida Religiosa Apostólica” (VRA). A “*transposição monástica*” sofrida afetou nossa mesma identidade, ao desfazer a novidade original da proposta da VRA: *a síntese entre a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão*. Separamos o “*ser*” do “*fazer*”, como se o primeiro fosse somente de ordem espiritual, interno, e o segundo de ordem temporal, externo. Vivemos uma crise e desarticulação da Missão que já não é expressão do que somos e sim, muitas vezes, uma realização pessoal de tarefas apostólicas. Tornamo-nos assim mais vulneráveis a valores alheios ao Evangelho e nos deixamos dominar pelos critérios da eficácia e de resultados mensuráveis, que matam a missão, incidem negativamente na vida de relações fraternas e dificultam a verdadeira experiência de Deus. Esta *desintegração da unidade* é uma das razões da insatisfação e do desencanto perceptíveis hoje em tantas religiosas e religiosos na VRA. Esquece-se assim o chamado para continuar a viver hoje a forma de vida de Jesus. Corre-se o risco de reduzir a VR a um espaço terapêutico de autorrealização, pela ênfase dada à subjetividade na pós-modernidade, ainda que não se trate de esquecer ou rejeitar a realização pessoal. Entretanto, no Seguimento de Jesus, ela tem que passar por um “*descentramento do eu pessoal*” ao confrontar-se com o estilo Daquele em

quem devemos ter sempre fixos os olhos (Cf. Heb 12,2). Se toda a Vida Consagrada (VC) e, portanto, a Vida Religiosa Apostólica (VRA) deve ser redefinida a partir da “*vocação universal à santidade de todos os batizados*” e não mais identificada com “*um estado de perfeição*”, é preciso fazê-lo sempre a partir de seus três elementos fundamentais devidamente entendidos (2)

#### **4. Vida Religiosa Apostólica Feminina, o que dizes de ti mesma?**

##### 4.1. A Vocação profética da Vida Consagrada

Um dos elementos mais valorizados e explicitados da Vida Consagrada ao longo dos tempos foi sempre o **Profetismo**. Tinha-se, às vezes a impressão de que éramos seus detentores e detentoras na Igreja. Hoje, as dificuldades da caminhada, a desconstrução do modelo tradicional e a busca de recuperar e revitalizar os três elementos fundamentais da Vida Religiosa Apostólica (VRA), nos levam a perguntar-nos também por essa *dimensão profética*, a fim de “*re-situá-la*”. Esta dimensão é fundamental para toda a Vida Consagrada, se considerada sob o prisma da *vocação universal à santidade*, proposta a todos os batizados pelo Concílio.

Toda vocação profética se fundamenta numa profunda experiência do Deus que alcança, toca, queima e arrasta a muitas mulheres e homens, comunicando-lhes a paixão (pathos) pelo Senhor e seu projeto em favor de seu povo.

- A experiência do profetismo está muito ligada à história do Povo de Deus. Continua acontecendo, sobretudo em momentos de crise (êxodo, exílio...), e costuma provocar também rupturas, conflitos, perseguições e até martírio.
- A profecia se desenvolve através de palavras e de símbolos que, às vezes, também transformam a vida do profeta ou profetisa em sinais proféticos.
- A profetisa e o profeta contemplam o mundo com os olhos e o coração de Deus. Como a sentinela - que desde seu posto de vigilância espreita o horizonte - denunciam a situação de pecado, idolatria, falso culto e injustiça nas relações humanas, e anunciam a esperança nas promessas de Deus e num futuro de paz e abundância para o povo: a utopia do Reino.

Daí o chamado que eles sempre nos dirigem à ***conversão e mudança pessoal, comunitária e social***.

##### 4.2. A Missão da VRA através dos tempos

Se aplicarmos estas e outras notas da vocação profética à Vida Consagrada (VC) através da História, veremos que ela nasce de uma forte experiência de Deus – ***a experiência fundante*** - e está estritamente ligada a momentos críticos na História da Igreja e da sociedade (basta recordar o surgimento do Monaquismo, das Ordens Mendicantes, das Ordens apostólicas, dos Institutos Religiosos modernos, etc..). Em tais momentos faz-se especialmente necessária a denúncia das idolatrias e injustiças de cada época, a proclamação e anúncio do Reino de Deus e o chamado à conversão. A denúncia provoca, muitas vezes, rejeição e perseguição. Por isso, o profetismo exige também muita renúncia pessoal e grupal e o compromisso com a transformação de uma realidade de pecado em realidade de graça.

Também na VRA o profetismo se realiza mediante palavras e ações tais como: o testemunho simbólico da própria vida, expressado por meio dos votos, da vida comunitária e de uma missão apostólica específica, seja nas situações normais, seja nas situações extraordinárias da vida, como as que vivemos atualmente em algumas regiões do planeta.

O profetismo foi sempre considerado uma aquisição irrenunciável na Teologia da Vida Consagrada. Na LG 44 a VC é considerada um “**sinal**” que pertence, não à estrutura hierárquica, senão, “**de forma indiscutível, à sua vida e santidade**”. No Documento de Medellín 12, 2, se lê que ela é um dom do Espírito à Igreja e tem nela uma “**missão profética**”. Posteriormente, o Sínodo da Vida Consagrada e a Exortação apostólica “*Vita Consecrata*” (1996) o reforçaram. A Exortação apostólica dedica a Parte II do Capítulo III ao “testemunho profético da Vida Consagrada diante dos novos desafios do mundo de hoje”. No n. 84, &1, se lê que **o caráter profético da Vida Consagrada** constitui “*uma forma especial de participação na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito Santo a todo o Povo de Deus*”. Na conclusão do mesmo número se lê que “**o testemunho profético exige a busca apaixonada e constante da vontade de Deus, a generosa e imprescindível comunhão eclesial, o exercício do discernimento espiritual e o amor pela verdade. Também se manifesta na denúncia de tudo aquilo que contradiz a vontade de Deus e na busca de novos caminhos de atuação do Evangelho para a construção do Reino de Deus**” (n. 84 &2).

Na América Latina e no Caribe, recordamos sempre, junto com o profetismo de nossos Fundadores e Fundadoras, o de nossos mártires, sobretudo em tempos particularmente difíceis. Muitas de nós ouvimos falar de Cleusa, Ezequiel, Dorothy, Maura, Ita, Silvia Arriola, dos jesuítas de El Salvador, e, mais recentemente de Dorothy Stang. A lista é imensa. Há muitas outras irmãs e irmãos que entregaram suas vidas, muitas vezes jovens, sobretudo pela libertação dos pobres e oprimidos mais além de nosso Continente, em outras partes do mundo. Hoje eles são mais numerosos na África e Ásia. Todos constituem um exemplo do profetismo da VRA levado às últimas consequências.

#### 4.3. Questionamentos e dificuldades

A afirmação do profetismo de toda a Vida Consagrada e, portanto, da Vida Religiosa Apostólica já é tradicional na Igreja. Mas, como já recordei, a partir do Vaticano II, ficou bem clara a definição do profetismo de todos os batizados (cf. LG 31). Posteriormente tem-se sublinhado muito o protagonismo das leigas e leigos. Daí a necessidade de que nos façamos alguns questionamentos sobre *o que é mais importante no profetismo da VRA na mesma Igreja*.

Além disto, no mundo de hoje, as vozes proféticas não se circunscrevem à Igreja: há novas vozes, novos sujeitos históricos, novos espaços em transformação, muitas vezes à margem da Igreja institucional (p.ex., ligados à Mulher, à Ecologia, aos Direitos Humanos, à JPIC, à Não violência, etc).

A esta luz, surgem também questionamentos como o que seguem na História da VR e na Sociologia Religiosa:

- Uma coisa é afirmar que os Fundadores e Fundadoras foram profetas e outra bem diferente que suas Congregações e comunidades são hoje proféticas. – Basta afirmar que a VRA é profética para que se tornem também proféticas suas instituições educacionais, pastorais, sociais...? -

Existirá uma profecia hereditária, institucionalizada? - Como fica a questão de gênero? Fala-se de profetisas e profetas, mas, muitas vezes, continuamos a seguir padrões masculinos na Vida Religiosa Feminina...

- Outro interrogante é este: O mundo da pós-modernidade foge, às vezes, de grandes palavras, gestos e relatos. – Como ser profetas e profetisas neste contexto, quando nossos esquemas mentais, nossas instituições, etc., estão ainda ligados à ideia de um profetismo expressado em grandes obras e realizações, a um protagonismo baseado na visibilidade, aparência e poder?
- Costumamos dizer que somos profetas do Reino e dos valores escatológicos, mas, o que mostra nosso presente? Não existirá certa “hiperinflação de profetismo” em nossa vida medíocre e rotineira? - O que dá realmente sentido e densidade à nossa missão e a torna profética? Podemos dizer como, Jesus na sinagoga de Nazaré, que **“hoje”** se cumpre em nós a profecia? (Cf. Lc 4, 21)

Estas e outras interrogações e dificuldades nos preocupam bastante atualmente. Elas nos tornam mais conscientes da urgência de recuperar *a experiência fundante*; de conscientizar-nos de que o mais importante não é que proclamemos aos quatro ventos nosso profetismo, e sim que, nossa prática pessoal, comunitária e institucional o traduza em gestos concretos, transparentes e significativos, ainda que muitas vezes pequenos e sem brilho.

## 5. **A Recuperação da experiência fundante**

### 5.1. Voltar às raízes

Não se trata de renunciar ao profetismo, mas de aprofundar em seu fundamento, de retornar à experiência das fontes da Vida Consagrada, enriquecidas pelos acertos e erros da caminhada de tantas décadas e até de séculos de história, como nos foi pedido pelo Concílio.

Isto nos exige, como se deduz do que vamos vendo, realizar *“uma guinada vital”*: passar da linha do *fazer* à do *ser uma presença efetiva*; passar de uma Vida Consagrada considerada mais como função e ofício a uma vida de convicções e gestos pessoais e grupais cheios de sentido evangélico, numa atitude de grande abertura ao Espírito que fala em nós, através de nós e apesar de nós...

Supõe também viver *“em estado de vigilância e de conversão”*: passar continuamente de uma situação de busca do poder e do prestígio social e eclesial a um lugar “mais simples e normal” nas periferias, nas novas fronteiras e nos espaços em transformação, juntamente com outras e outros, sejam ou não dos “nossos”. Sem pretender exceções nem privilégios; numa linha ecumênica e de esforço conjunto com outras organizações que trabalham pelo bem da humanidade; sempre fugindo à pretensa “superioridade” sobre os leigos e leigas e visando a reciprocidade, a participação e a colaboração.

Isto nos ajudará também a passar de um “universalismo eclesial abstrato” a uma grande abertura não só à catolicidade e a uma verdadeira inserção nas Igrejas locais, senão também a uma caminhada mais fraterna e conjunta com todo o Povo de Deus. Aprenderemos assim a assumir um grande “realismo eclesial”, acolhendo nossa realidade de pecado e de graça numa Igreja santa e pecadora, como nos tem recordado o Papa Francisco. Fomos todos chamadas e chamados à santidade,

apesar de nossos pecados, e estamos comprometidos não só com manifestar a dimensão escatológica da Vida Consagrada, senão e sobretudo com tornar presente o Reino de Deus e o Deus do Reino na História, a partir do hoje, aqui e agora.

É assim que faremos a passagem de uma Igreja “comunidade-útero” a uma Igreja “comunidade - comunhão”: na diversidade da missão e no discernimento dos sinais dos tempos, para partilhar a missão e também os carismas congregacionais com muitas outras pessoas, alargando cada vez mais os espaços de nossa tenda, para que dela possa participar o Povo de Deus (Cf. Is 54, 2-3). Tudo isto pode constituir um meio de tornar mais ricos, abrangentes e universais os carismas das congregações; de “crescer” de outro modo como família religiosa: um meio de ajudar a nascer uma “nova forma de Vida Religiosa Apostólica”, de estender-nos e de fazer frutificar o Carisma fundacional de outro jeito e em outras realidades.

Seremos assim conduzidas não só a um deslocamento geográfico, social e espiritual, mas a uma verdadeira “páscoa”: a morte a um estilo, concepção, e paradigma de VRA, para ajudar a que renasça – enriquecida por uma longa história de muitas luzes e também de sombras, – a beleza de nossas origens, iluminadas pela Novidade do Deus das surpresas que torna novas todas as coisas, inclusive nossa vocação profética na igreja e no mundo.

Para tudo isto, é muito importante reconhecer que Deus é o agente principal do profetismo: é Ele que nos chama, envia, acompanha, mantém-se fiel, revela seu projeto de salvação e se nos manifesta com entranhas de misericórdia. *Ninguém pode apropriar-se da profecia como algo pessoal ou setorial. Deus é sempre maior que toda profecia e todo profetismo.* Ele continua hoje presente no meio de seu Povo, ainda que suas palavras hoje sejam diversas das ditas anteriormente. Só aqueles que experimentam esta maneira misteriosa de atuar de um Deus, muitas vezes desconcertante, podem ser suas testemunhas.

Creio que nisto consiste a “*fidelidade dinâmica à própria Missão, adaptando suas formas quando seja necessário, às novas situações e às diversas necessidades, em plena docilidade à inspiração divina e ao discernimento eclesial*”, pedida pela Exortação apostólica *Vita Consecrata*, 37, retomando o convite do Vaticano II - na *Lumen Gentium* e no *Perfectae Caritatis* - a uma renovada fidelidade à inspiração originária de cada Instituto no contexto atual.

## 5.2. Caminhos de profetismo da VRA

O que vou colocar, sobretudo neste item, é fruto de minha experiência de mais de 40 anos de presença na América Latina e Caribe, sem esquecer outras experiências internacionais.

Creio que, na busca da volta às fontes, há caminhos que devem continuar a ser trilhados, como o da inserção de nossas comunidades nos meios populares, o da opção pelos pobres, o da inculturação e do compromisso com as novas frentes de missão, etc.. Também devem ser mantidas algumas instituições e obras tradicionais devidamente renovadas. Temos que continuar a viver a Vida Religiosa Apostólica nos desertos, periferias e fronteiras de nosso mundo. Entretanto, o modo de fazê-lo deve ser sempre revisto e, às vezes, mudar de direção quando necessário. Temos que aprender melhor a passar do “*êxodo ao exílio*”, e assim chegar a novos êxodos. Uma dessas passagens é a de uma profecia às

vezes bem masculina a outra mais feminina: passar de um estilo de denúncia a outro que inclua também o consolo e a esperança; que nos leve a buscar um estilo de vida mais existencial e sapiencial, sem tanta preocupação em ver os resultados e em distinguir o que fazemos do que fazem outras pessoas. Uma profecia como a do Servo de Javé, que anuncia a justiça sem gritaria, sem quebrar o caniço ou apagar a mecha que fumega: sofre e é humilhado, mas não rompe: por isto sua entrega se converte em vida verdadeira para a posteridade (cf. Is 41, 8-9; 42, 1-2; 52,13- 53).

Ao mesmo tempo, é preciso **saber aproveitar as novas brechas**: descobrir novos espaços em transformação, ir criando um estilo alternativo de VRA: mais humano, mais solidário, em diálogo com a sociedade, para a construção de uma ética pública e civil, que, aos poucos, se traduza em novas estruturas sociais e políticas de uma verdadeira ação cidadã.

Creio também que, como escreveu Victor Codina há alguns anos, não é este o momento de grandes profecias ou relatos, mas sim, de pequenos relatos proféticos e libertadores na vida diária. Trata-se de um tempo de discernimento e contemplação, de luta e resistência, de ir contra a corrente do império neoliberal, de aprender a ser “*contraculturais*”. Tempo de paciência (“patire”), de ser sal e fermento, de silêncio e de plantio, de espera de dias melhores, sabendo que Ele está presente e faz caminho com seu povo. A mulher do Apocalipse 12 luta contra o dragão, não frontalmente e sim gestando uma nova criatura: mais débil, mas, na realidade, mais forte e capaz de vencê-lo. Talvez deva ser assim o *novo êxodo* que devemos viver (3).

É neste contexto que somos chamadas a viver uma nova espiritualidade, uma nova experiência do Espírito, mais contemplativa, mais inculturada e simbólica, a partir de nossa vocação/missão, atentas aos sinais de Deus e ao Reino que chega; confiando no Senhor que permanece com seu povo, ainda que, às vezes, nos descubramos com um pouco de “saudades” de um passado de glórias.... Temos, sem dúvida, *um caminho e uma História que nos convidam a continuar a marcha com renovado ardor e entusiasmo!*

### 5.3. Algumas consequências e exigências

A partir do que foi colocado sobre o profetismo, podemos deduzir algumas consequências e exigências para nossa caminhada:

- A esperança do Povo de Israel nasce em meio ao fracasso do exílio. Ao voltar dele, libertado por um rei pagão, em meio a vários tipos de resposta, sente o chamado a um novo êxodo, a uma nova profecia... Nossa situação atual é semelhante a dele.
- Hoje, não se trata de fugir da profetismo como Jonas, mas de exercitá-lo de outro jeito: buscando, antes de tudo, ser servidoras humildes e misericordiosas, no meio do povo de Deus e com o povo de Deus, seguindo nossas tradições carismáticas e espirituais.
- Não podemos, como Elias, abrir os céus para fazer chover, mas podemos, sim, consolar o povo como ele consolou a viúva de Sarepta. Quem sabe se não tocará às nossas jovens recolher a herança profética como aconteceu com Eliseu?



- Talvez seja melhor falar menos de profetismo e fazer-nos *mais servidoras do Reino e seguidoras de Jesus*, dentro da igreja, povo de Deus, todo ele profético e ungido pelo Espírito como Jesus (Cf. Lc 4,18-20)
- Daí a urgência de acolher e juntar-nos a alguns dos “novos sujeitos proféticos” que surgem na igreja e na sociedade, à margem da história oficial, num mundo neoliberal. Podemos recordar a força de resistência dos pequenos e sua capacidade de luta; o sentido de festa, a solidariedade e a esperança de nossos povos, sobretudo dos que mais sofrem. Aos pobres e pequenos são revelados os segredos do Reino! (Cf. Mt 11, 25-27 e Lc 10, 21-22). Eles nos ajudarão a redescobrir o profetismo da VRA.
- A modo de exemplo, recordo uma das realizações proféticas surgidas na sociedade civil: o **Fórum Social Mundial** (FSM). A partir do ano 2000, inicialmente em Porto Alegre, Brasil e depois em outros países do Terceiro Mundo, vivemos a experiência do Fórum e repetimos muitas vezes seu slogan: “*Um outro mundo é possível*”. Depois o fomos aplicando a muitas outras situações, inclusive dentro da Igreja e da Vida Consagrada: “*Uma outra Igreja, é possível*”, “*Uma outra Vida Consagrada é possível*”... O Fórum começou no início do terceiro milênio, quando o neoliberalismo parecia mais seguro e triunfante, e agrupava anualmente em Davos seus dirigentes mais representativos. Em contrapartida, reuniram-se em Porto Alegre, Brasil, no FSM, inicialmente 16.000 pessoas. O número foi aumentando cada ano, até chegar a mais de **150.000** em 2004 em Mumbai. Com o FSM começou uma “revolução” comparável à estudantil. Entraram em crise alguns postulados da pós-modernidade como, por exemplo, os seguintes: o de que existe somente um pensamento único, o da morte das utopias, o de que não há alternativas fora do mercado e do capital e outros.

Portanto, podemos constatar que o Êxodo não passou de moda; que o clamor dos pobres é mais forte; que o Espírito está presente e age no mundo. Parece que estamos passando do Exílio a um “Novo Êxodo”: **ressurge a esperança em meio ao fracasso e a depressão**. E, como em Israel, libertado por um rei pagão, não são muitas vezes as igrejas, mas a sociedade civil e os movimentos populares que proclamam o fim do cativo e da exclusão mundial (4). O Espírito sopra onde quer e como quer, dentro e fora da Igreja. É preciso estar atentas para perceber e discernir seus sinais, para que realmente, *outra Igreja e outra Vida Religiosa Apostólica sejam possíveis. Tudo depende de nossa fidelidade dinâmica hoje!*

## **6. Novos espaços da Teologia e da VRA**

Num mundo em mudança, encontramos por toda parte espaços de mutação na esfera dos indivíduos, da produção da vida, da comunicação, do poder, da interculturalidade, da ecologia, das religiões e de muitas outras esferas. (5)

Na Europa e algumas vezes na América Latina ouvi dizer que nossa Teologia tinha morrido ou perdeu a força e o sentido. Nenhuma destas afirmações me parece verdadeira. Além disso, a Teologia latino-americana não se identifica só com a abordagem da temática da pobreza e da injustiça no continente. Temos uma forma original de entender e de fazer teologia, porém seu alcance é universal.

Teve e tem influencia em outras realidades humanas e eclesiais, também em outros continentes. O Prof. Vicente Cubells escreve o seguinte sobre a teologia de Gustavo Gutiérrez:

“... existe na obra de G. Gutiérrez **uma regra de ouro**: a teologia da libertação une sua sorte à relação concreta da pobreza com o Deus bíblico. Por tanto, aplicando a regra, enquanto haja pobres haverá teologia da libertação... Mudarão os perfis dos pobres porque se diversificará e se fará mais complexa a realidade da pobreza..... Será preciso usar novos métodos de análise para compreendê-la, mas a teologia da libertação continuará existindo. A proximidade vocacional da Igreja dos pobres e a experiência espiritual suscitada pelo Deus de Jesus Cristo na contemplação dessa realidade continuarão gestando uma linguagem sobre Deus, uma forma de entender seu singular ministério teológico, no qual **a questão da vida e da libertação sempre serão protagonistas.**” E conclui dizendo que essa teologia continuará vigente, por tratar-se de uma teologia que, “ como intuía o mesmo Gutiérrez na introdução da edição de 1988, deve *olhar para longe, sempre mais longe*”(6).

**“A questão da vida e da libertação”**: a partir daqui podemos sublinhar novas perspectivas e novos desafios para a VRA em todo o mundo. Mas não para uma Vida Consagrada que dependa de “Movimentos” e nem para os chamados “novos institutos” que, na realidade, são “velhos” e sim para a que continua comprometida com a erradicação da Pobreza e a luta pela Vida!

Ainda que se constate, às vezes, em nossa VRA certa confusão, cansaço e desânimo diante da diminuição, do envelhecimento e da falta de lideranças... Ainda que nos perguntemos algumas vezes se “vamos morrer diante do Mar Velho, entre o Egito e a Terra Prometida”, sabemos que não vamos morrer! Javé nos acompanhou sempre e continua caminhando conosco. Ele nos diz como disse a Moisés: “Diga aos filhos e filhas de Israel que se ponham em marcha!” (Cf. Ex 14,15). Ele caminha com a Vida Religiosa Apostólica de noite e de dia: na coluna de fogo (guia, força do ideal, comunicação, paixão), e na coluna de nuvem (presença, proteção, impulso, animação)... Ele nos chama a viver outro tipo de presença e de fecundidade, a trilhar outros caminhos, nas periferias, fronteiras e desertos do planeta: “novas e velhas pobreza”, situações emergentes que pedem urgência e compromisso. E, dentro da mesma VRA, Ele nos convida a tornar realidade outro tipo de comunidades: intercongregacionais e também ecumênicas, com leigas e leigos que partilham a espiritualidade e o carisma; equipes itinerantes de evangelização, novas formas de acolhida de emigrantes, refugiados, moradores de rua, vítimas do tráfico de seres humanos, da droga, da solidão e incomunicação...

É preciso entrar nos *novos espaços* com discernimento, lucidez, espírito crítico, humildade e coragem. Com a disposição de molhar-se, suar, sangrar e “salgar-se” ao atravessar o Mar Vermelho. Com paixão e compaixão, duas forças do Espírito que dão novas energias ao carisma, alimentam a espiritualidade, animam a missão, dão qualidade evangélica à vida comunitária e fortalecem a experiência do Deus de Jesus, presente em todos, especialmente nos mais esquecidos. Trata-se de entrar com “*fidelidade dinâmica*” (VC 37) numa realidade feita de espaços múltiplos e variados: materiais e imateriais, individuais e coletivos, relacionais, afetivos, virtuais...

A VRA se encontra hoje – como nossa igreja sob a orientação do Papa Francisco – num momento privilegiado de profunda reelaboração, de retomada do Concílio Vaticano II. Para ser fiéis

hoje ao Senhor, temos que abrir-nos continuamente aos novos cenários, à luz do Evangelho de Jesus e do Jesus do Evangelho.

Por isto, será cada vez mais importante ter presente em nosso **Ver, Julgar, Agir, Avaliar e Celebrar** muitos temas importantes entre os quais destaco: o da *humanização*, tão relacionado com o cuidado da vida; o da *subjetividade*, tão importante no mundo das relações e da comunicação; o da *vida do planeta*, que nos pede hoje uma “**Ecoteologia**” que dá origem a questionamentos menos antropocêntricos e mais centrados na vida; outros temas que nos apresenta o mundo globalizado, com sérios questionamentos no campo da sexualidade, da família, das ofertas religiosas, da ética, do social, da diversidade de gênero, do pluralismo... E também os temas da Mística e da Espiritualidade, dos quais já não podemos considerar-nos as “donas” e sim, humildes aprendizes e buscadoras do Deus de Jesus. Sempre em comunhão afetiva e/ou efetiva com outras tradições religiosas, num mundo em que a Ciência nos ajuda a descobrir novos cenários nos quais é preciso procurar e favorecer uma nova e autêntica experiência de Deus...

Devemos viver tudo isto a partir de um profetismo que se baseia não só na denuncia e no anúncio, como já foi indicado, senão que, para fazê-los vida, tem que nutrir-se da renuncia e do compromisso com a transformação de uma *Cultura de morte* em uma *Cultura da Vida*.

Tem-se falado muito de buscar hoje “um novo paradigma” para a Vida Consagrada. Entretanto, talvez não se trate de insistir tanto no de “um novo modelo” e sim, de buscar com muita paixão e fidelidade, “*voltar às raízes*”, ao “*essencial*”: ao que respondeu aos desejos profundos de nossas Fundadoras e Fundadores; ao que responde hoje aos gritos da realidade e aos desejos das religiosas e religiosos que se arriscam para tentar viver – em fraternidade - a aventura do seguimento de Jesus, no encontro radical com Ele e com seu Evangelho. Só assim poderemos continuar a missão de, com Ele e Nele, fazer chegar a vida em plenitude a todas as pessoas. Talvez, então ajudemos a gestar e a alimentar “*um novo paradigma*”...

## **7. Uma Vida Religiosa Apostólica no estilo de Jesus**

Acredito ser esta a VRA que estamos chamadas a construir e a viver hoje em qualquer país e continente, no seguimento e prosseguimento do Profeta de Nazaré (7).

Para isto temos que olhar para o Senhor e deixar-nos olhar por Ele; tocá-Lo e deixar-nos tocar por Ele, para saber tocar e aliviar – com compaixão e ternura - as feridas e as esperanças de nosso mundo; deixar-nos encantar por Jesus, pela simplicidade, pelo pequeno, sem brilho e sem protagonismo, para ser um pouco sua presença curativa e transformadora na realidade de contraste de tantos cenários luxuosos e brilhantes do reino do mercado: uma realidade de coexistência de opostos, de pecado e de graça. Aprenderemos assim de Jesus a viver com Ele e como Ele alguns “*ministérios*” tão necessários hoje, como o da compaixão, o da lamentação, o da consolação e o da descida a tantos infernos existenciais. E aprenderemos também Dele a viver “**o jogo pascal**”: *deixar para encontrar, descer para subir; perder para ganhar; morrer para viver*, e ajudar assim a tantas pessoas hoje crucificadas a descer de suas cruzes e ressuscitar para uma vida de esperança, alegria e comunhão.

Com seu jeito de ser e de viver a missão, o Papa Francisco nos está ensinando que “*a casa de Jesus é o povo, são as pessoas*”; que não devemos julgar ninguém porque Deus sempre nos olha e julga com amor. Nossas pastorais tem que mudar os objetivos, muitas vezes formais e precisos, mas distantes e “sem alma”, porque visam mais resultados contáveis e tangíveis, que não são fruto de uma verdadeira mudança interior. Algumas pastorais são propostas com tal dose de distancia que se tornam incapazes de conseguir um verdadeiro encontro com Jesus Cristo e com os irmãos e irmãs... Como VRA estamos especialmente chamadas a viver a Missão a partir de *uma teologia do encontro interior e exterior*.

Creio que Victor Codina o intuiu e apresentou muito bem quando, já em 2010, recolhendo muitos sonhos de uma Igreja do encontro, próxima, simples e sem protagonismos, nos ajudou a rezá-lo e tematizá-lo através das características de *uma Igreja nazarena*, situada desde Jesus e Maria de Nazaré (8). Foi assim que viveu o profeta itinerante de Nazaré, em todas as Galileias e Samarias de seu tempo. Assim devemos viver nós, Vida Religiosa Apostólica hoje: com grande entrega e cuidado pastoral – nas Galiléias, Jerusaléns e Samarias de nosso tempo!

### **8. Uma nova Mística**

A partir de tudo o que fomos vendo, podemos chegar ao que dizia J. B. Metz sobre a necessidade de viver hoje “*uma mística de olhos abertos, preocupada pela dor do povo*” (9). Trata-se de um chamado á conversão da VRA ao Evangelho de Jesus e ao Jesus do Evangelho. Trata-se de aprender a “*Ver ou perecer*”, como escreve Benjamín González Buelta: passar da cegueira a uma nova visão da realidade, a partir de “**um novo olhar**”. Trata-se de sentir-nos contempladas por Ele para poder olhar e ver com uma nova sensibilidade a partir Dele Trata-se de uma “**conversão dos sentidos**”, para aprender a viver um processo contemplativo da realidade, que nos levará a implicar-nos profundamente nela. Tudo isto com um verdadeiro espírito de irmandade. O compromisso nos ensinará a descer com Jesus a todos os infernos humanos, porque “*não há pessoas nem situações onde Deus não esteja e onde não possa ser contemplado. Muitas pessoas fizeram itinerários em direção aos infernos deste mundo e se encontraram neles com Deus, com um sabor que não tinham experimentado antes em meio ao êxito, às comodidades e à segurança diante do futuro*”... Trata-se de passar de um Deus longínquo a um Deus próximo de todos, sobretudo dos “*últimos*”; de um Deus forte a um Deus débil; de um Deus que castiga a um Deus castigado; de um Deus impassível a um Deus ressuscitado. Assim termina Benjamin o capítulo 11 de seu livro:

“O místico de olhos abertos no seguimento do Jesus pobre e humilde do evangelho, assume a dor do mundo e o atravessa em seu mesmo centro, sem esquivá-lo e sem desintegrar-se. Este é o milagre do amor, que é mais forte do que a morte e que pode avançar no meio da noite com o pressentimento da aurora nas entranhas, como última certeza. Com todos os que experimentam esse gosto antecipado de ressurreição, pode-se ir já compondo um cântico novo (cf. Apoc 14,3), ao sentir que o Senhor torna novas todas as coisas nas mesmas cavernas da morte, dentro das lápides que fecham a vida das pessoas e dos povos como sepulcros lacrados com os selos dos poderosos deste mundo (Cf. Mt 27,66)” (10)

### **Concluindo...sem concluir**

Sem concluir, porque o caminho continua aberto, num mundo em transformação, com novos cenários e sujeitos emergentes; com novos apelos e novos caminhos que nos pedem novas buscas e novas respostas: humildes, parciais e quase nunca definitivas. É preciso continuar buscando sempre...

Não podemos parar o relógio do tempo nem dar marcha atrás, refugiando-nos nos velhos esquemas e nas sólidas estruturas do passado. Temos que lançar-nos ao futuro, para descobrir novos caminhos, às vezes bastante difíceis e inseguros, fortalecidas por uma nova mística e buscando **“uma nova figura da VRA no século XXI”**.

Não vamos morrer! Javé que nos acompanhou no passado, continua caminhando conosco no presente e nos impulsiona na construção do futuro. Ele nos chama a profetizar e a fazer caminho de outro modo nos novos cenários:

- Desapegadas das conquistas passadas, dos patrimônios físicos, dos títulos, da fama, dos privilégios e honrarias...
- Procurando viver a “minoridade evangélica”, a verdadeira volta às fontes, a memória enriquecida de nossas origens como nos foi pedido pelo Vaticano II... Voltar sempre a Jesus e a Maria de Nazaré... Viver uma Vida Religiosa Apostólica nazarena....
- Correr para a meta **“com os olhos fixos em Jesus”** (Cf. Heb 12,2-4 e 12-14), animadas pela **“nuvem de testemunhas que nos precederam”** (Cf. Heb 11); com nossas co-irmãs, com nossas comunidades, províncias e congregações...
- Com outras e outros irmãos na Vida Consagrada: nas Conferências de Religiosas/os nacionais e continentais, nas alianças intercongregacionais, buscando “novos estilos de comunidades”....
- Continuar alargando os espaços de nossa tenda na Missão (Cf. Is 54,2-3): passar da ajuda e colaboração de leigos e leigas, - mais ou menos tolerada nos começos e depois aceita como necessária e justa - ,à **corresponsabilidade e reciprocidade**. Eles participam do Carisma e nos enriquecem ao vivê-lo, bem como a Espiritualidade e a Missão.
- Dispostas a cair e a levantar-nos, com a ajuda de outras pessoas, dando-nos as mãos ao atravessar os desertos e o Mar Vermelho...
- Com humildade e ousadia: aceitando nossa debilidade real, revendo continuamente nossa práxis, dispostas a mudar e a recomeçar sempre que for necessário, impulsionadas pela força do Deus que se revela e manifesta na História.
- Numa atitude de verdadeiro discernimento pessoal, comunitário e apostólico, com lucidez e espírito crítico para chegar a ser **“contraculturais”** hoje.
- Com paixão e compaixão, energias do Espírito que dão novas forças e abrem horizontes à **Missão**, animam a **Vida Comunitária** e fortalecem a **Experiência de Deus**.

Para tudo isto se faz necessário, como escreveu Joan Chittister, retomando um relato dos Padres do Deserto, **“transformar-nos em fogo”**, apesar de nossa fragilidade e pequenez. Quero terminar com o que ela escreveu em seu livro: **“Fogo sob Cinzas”**:

“Certa vez, diz a história, Abba (Pai) Lot foi ao encontro de Abba José e disse: Abba, na medida do que sou capaz pratico as pequenas regras, todos os jejuns prescritos, alguma oração e meditação, guardo o silêncio e, tanto quanto possível, mantenho meus pensamentos puros. O que mais devo fazer? O velho monge então, ficou em pé e, ao estender suas mãos em direção ao céu, seus dedos se transformaram em dez tochas ardentes. Então proclamou: **- Por que não te transformas completamente em fogo?”**

E ela conclui dizendo:

- “O que a Vida Religiosa precisa neste momento talvez seja exatamente transformar-se em fogo.... Assim as tensões não representarão preocupações e nos transformarão naquilo que deveríamos ter sido desde o começo: **tochas de fogo**” (11)

Que a força e a misericórdia do Deus Pai e Mãe, a paixão e a compaixão do Filho, companheiro de caminho, a luz e a ternura da *Divina Ruah*, continuem a animar-nos nas buscas e na caminhada como Vida Religiosa Apostólica Feminina, no seguimento e prosseguimento de Jesus de Nazaré, hoje.

Belo Horizonte, julho de 2014

Vilma Moreira, F. I.

#### Índice de Citações

- (1) Para o relativo aos itens 1 e 2, Cf. MOREIRA, V., **Renovação da Vida Religiosa. Relação entre a Vida Religiosa e o laicato pós Concílio em Utopias do Vaticano II. Que sociedade queremos? – Diálogos**. São Paulo, coedição Paulinas e UMBRASIL 2013, pp. 181-183; 187-189.
- (2) Cf. PALACIO, C., SJ, **Luzes e sombras da Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje em Convergência**, Brasília, setembro 2011, pp. 416-428.
- (3) Cf. para todo o nº 5: CODINA, V., SJ, **Questões acerca do profetismo da VR em Convergência**, julho 1996, e “Un nuevo éxodo? em **Revista CLAR, 2**, abril-junio 2006 (preparação à Conferencia de Aparecida.)
- (4) Cf. CODINA, V., y CARRERO, A.D., **Nuevos areópagos...nuevos retos para la VR de AL y el Caribe**. San Juan, Conferencia de Religiosos de Puerto Rico, 1997 y MORALES, V., **Mística y Profecía en la VR**. Bogotá, Paulinas, 2005.
- (5) Cf. Nos itens 7 e 8: MOREIRA, V., **El aporte de la teología latinoamericana a la elaboración de un nuevo paradigma de la vida consagrada** em **Testimonio** 254. Santiago de Chile, noviembre-diciembre 2012, especialmente as pp.40-44.
- (6) Cf. CUBELLS, V., **La obra literaria de Gustavo Gutiérrez**, retirada de algumas páginas da internet sobre o tema. Os sublinhados são meus.
- (7) Cf. neste item MOREIRA, V., **Una Iglesia fraterna, sororal, cercana**, em **Testimonio**, 262, Santiago de Chile, marzo-abril 2014, pp 28-30. O número monográfico tem por título: “**Repara mi Iglesia**”.
- (8) Cf. **Una Iglesia Nazarena. Teología desde los insignificantes**. Santander 2010, Colección Presencia Teológica 177, 215 pp.
- (9) Cf. METZ, J.B., cit. por Víctor Codina em **Una Iglesia Nazarena. Teología desde los insignificantes**, p.36.
- (10) Cf. **Ver o perecer. Mística de ojos abiertos**. Santander, Sal Terrae, 2006, 2ª ed., p.139-148; a citação entre aspas do capítulo 11 está na página 148.
- (11) Cf. CHITTISTER, J., OSB, **Fogo sob cinzas. Uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1998, p.44.